

Interlúdios de rua: notas performativas

Street interludes: performative notes

ELILSON GOMES DO NASCIMENTO

Universidade de São Paulo, USP – Brasil

RESUMO

Neste texto, reúno um conjunto de ações performativas que venho realizando em diversas cidades desde 2016, apresentadas em formato de crônicas e relatos que constituem a experimentação de uma escrita polifônica. Nessa seleção de trabalhos, os encontros estabelecidos com as pessoas podem oferecer uma amostragem de como a prática artística em lugares de passagem, como ruas e transportes coletivos, instaura um modo de envolvimento espaço-temporal, abarcando dialogismo, negociações, práticas de solidariedade e conflitos de poder em torno das urgências políticas cotidianas. Após o compilado de relatos, finalizo o texto com algumas notas elaboradas a partir das reflexões apreendidas das ações apresentadas.

PALAVRAS-CHAVE

Arte de ação, performance, polifonia, urgências políticas.

ABSTRACT

In this text, I bring together a series of performances I have been developing in different cities since 2016, presented in the form of chronicles and accounts that constitute an experiment in polyphonic writing, this selection of works explores how the reflections gathered and the encounters established with people can offer a glimpse into the ways artistic practice in spaces of transit—such as streets and public transportation—creates a mode of spatiotemporal engagement encompassing dialogism, negotiation, practices of solidarity, and power conflicts surrounding political urgencies. Following this collection of accounts, I conclude the text with a series of notes derived from the reflections generated by the actions presented.

KEYWORDS

Action art, performance, polyphony, political urgencies.

1. Prelúdio

Ao iniciar este texto, agradeço a você, que o lê, pela escuta compartilhada. Cada vez que abrimos uma roda de conversa, um círculo de leitura, uma prosa de calçada, estamos dialogando com quem veio e com quem virá; assim, estendo meu cumprimento a todos os caminhantes que perpassam os tempos dessas páginas que, agora, nos unem. Interlúdios de rua: notas performativas é um compilado de “fragmentos do vivido” (Gualberto, 2020) por meio de uma seleção de ações que tenho realizado em ruas e transportes coletivos de maneira ininterrupta nos últimos dez anos. Um conjunto de encontros desencadeados pelas ruas de algumas cidades, dentro e fora do Brasil, no caso deste compilado polifônico (Nascimento, 2026):

Asunción, Buenos Aires, Ciudad de México, Coimbra, Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo.

Se na música, no teatro e na literatura, um interlúdio nomeia algo que acontece entre outras coisas, sejam atos, composições ou capítulos, aqui, o “entre jogos” que a palavra aciona e semantiza aparece justamente para propor que, na arte de ação, negociar é uma constância, não apenas para a experimentação estética, mas para e junto com as pessoas, as coisas, os tempos, os espaços, que, em atos, composições ou capítulos, passam em movimento, não cessam de acontecer.

2. Interlúdios de rua

A seguir, apresento uma seleção de ações ocorridas entre 2016 e 2025, com durações entre 45 minutos e 8 horas. Introduzo cada trabalho com a cidade e o ano de sua realização, a quantidade de vezes que foram realizadas, a duração e, por fim, a descrição de seu respectivo “programa performativo”¹.

2.1 Massa Ré

Rio de Janeiro e Recife, 2016

Quatro realizações, com durações de 2 a 3 horas.

Um grupo de pessoas brasileiras, vestindo camisas com as inscrições 2016 na frente e 1964 nas costas, caminha de costas e em silêncio por até três horas, com as mãos espalmadas para frente e para baixo. Os pontos de partida e término da caminhada são preestabelecidos em consonância a fatos históricos. Exemplo: em 1º de abril de 2016, dia do golpe militar, caminhar de costas da Praça da Cinelândia, largo atravessado por um histórico de resistência política, até a Central do Brasil, onde

¹ “Programa performativo” é um conceito formulado pela artista e teórica da performance Eleonora Fabião (2013). Um programa funciona como o enunciado de uma performance, é um “conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio [...] que possibilita, norteia e move a experimentação” (Fabião, 2013, p. 4).

ocorreu, em 1964, o último grande ato público do presidente João Goulart, evento posteriormente utilizado pelos conspiradores como pretexto para acelerar o golpe.



Figura 1: Elilson, *Massa Ré*, 2016, performance. Foto: Ique Gazzola. Fonte: acervo pessoal.

No trânsito de perguntas sem respostas, uma vez que nos mantínhamos em silêncio durante toda a travessia, uma transeunte foi mais enfática: “Por favor, me expliquem algo! Digam qualquer coisa. Vocês já me fizeram parar, como é que eu vou chegar em casa bem desse jeito?”. Até que vimos seu rosto e perguntas se desvanecendo em meio aos tantos corpos que, compondo as ruas, eram avistados por nossos olhos em *zoom out*. Outras pessoas tentaram elucidar entre si, traduzindo nosso ato de corpo em atos de fala que, por sua vez, revelavam sinais de formação cultural, posicionamentos ideológicos sobre as histórias de nosso país ou aspectos do imaginário coletivo que foram vibrados pelos gestos. “Eles estão representando ao próprio Brasil, não sacou?”. “Não, para representar bem o Brasil, só se um por um tropeçar de costas e cair naquele bueiro, mas eles estão desviando... Assim é fácil!”. “Mamãe, o que significa dezenove meia quatro?”. “Foi o ano do golpe militar”. “Não acredite nisso, menino, os livros de hoje em dia foram escritos por comunistas. 1964 foi o ano da revolução, quando tentaram salvar o país das mãos deles, mas não deu muito certo”. “Por que estão fazendo isso hoje?”. “Uuuuuuh! Fora Dilma!”. “Ô,

cambada de desocupados, o PT vai dar quantos sanduíches de mortadela no final da passeata?”. Um homem, sentado num restaurante com a família, indagou: “Mas, afinal, o que vocês apoiam? Eu não consigo entender se são contra ou se querem 1964”. Ao seu lado, uma mulher, sem expressão de dubiedade, disse: “Está óbvio que eles apoiam o Lula e a Dilma, basta olhar pra eles”. Um policial militar nos olhou e se persignou três vezes dentro de sua viatura. Um cobrador de ônibus nos ofereceu, pela janela e aos risos, sua pia cheia de pratos a serem lavados. Dois homens, com os braços cruzados, olharam diretamente para a menina de 4 anos de idade que participava da ação nos ombros do seu pai, dizendo: “Deixa o Bolsonaro vir, que ele vai dar um jeito nessa gente”. Na frente de uma igreja em horário de culto, um jovem nos perguntou: “E essas mãos aí para frente, hein? É samba? A gente não tá na cidade do samba, então vamos todos sambar!”, disse, literalmente sambando. Ao passo que um segundo apostou num ícone em vez de se apegar a um ritmo: “Caraca, moleque, que maneiraço! É um tributo coletivo ao Michael Jackson!”².

2.2 La tri(u)nca histórica

Asunción, 2017

Realização única, com duração de 2h44.

Vestindo uma camisa com a inscrição “1864” nas costas e utilizando bandeiras do Brasil e da Argentina como ornamentos na perna e no pé, marchar de costas pelas ruas do centro de Assunção segurando a bandeira do Paraguai em mãos, como se fosse um corpo³.

² Uma versão estendida desse relato foi originalmente publicada no livro “Por uma mobilidade performativa” (Nascimento, 2017).

³ Ação integrante do Festival Temporal. Disponível em: <https://www.festivaltemporal.com/>. Acesso em: 13 fev. 2026.



Figura 2: Elilson, *La tri(u)nca histórica*, 2017, performance. Foto: Esedele. Fonte: acervo pessoal.

No domingo, 15 de maio de 2017, feriado nacional no Paraguai para celebrar o Dia da Independência e o Dia das Mães, marchei de costas nas avenidas do centro de Assunção no contrafluxo dos carros. Logo nos primeiros compassos, uma viatura policial estabeleceu a primeira interação. De imediato, pensei que o agente cumpriria seu dever de garantir a ordem e salvaguardar a segurança e, assim, me conduziria à calçada. Ao ler o ano de disparo da Guerra da Tríplice Aliança em minhas costas, que exterminou em mais de 80% a população masculina do Paraguai, incluindo crianças (Souza, 2021), o policial me olhou firme nos olhos e, buzinando, bateu continência em respeito à sua bandeira e em concordância ao gesto. À sua passagem, uma sequência de condutores desenhou desvios à direita e à esquerda, preservando o meu corpo. Por inúmeras vezes, parei no meio da rua com o pescoço voltado para trás, enunciando minha presença aos motoristas que, à distância, já poderiam reduzir a velocidade. Algumas buzinas deixaram rastros de dúvida: repulsa, aderência ou alerta de atenção? Uma senhora freou e bateu suas mãos no volante, como se fizesse uma percussão: “Que viva Paraguai!”. Outras pessoas apenas sorriram, com

expressões que esboçavam espanto e gracejo diante do absurdo. Um jovem, inflamado de indignação, desacelerou e baixou o vidro da janela: “Para com isso! Quanto tempo se passou, agora é época de diplomacia! És um estúpido! Já pensou se um brasileiro passa por aqui?”, questionou, apontando para a bandeira verde e amarela que havia escorregado de minha perna e se encontrava sob meu coturno, virando cadência no asfalto. Uma vendedora ambulante, amigavelmente, me leu da cabeça aos pés: “Mas onde está o Uruguai?”. Um grupo de crianças me acompanhou por alguns metros, perguntando nome, idade, profissão e origem. “Papai, ele é brasileiro, é brasileiro!!!”, gritaram pelas esquinas, angariando a aproximação de algumas pessoas. Uma repórter televisiva, após tentar me parar sem êxito, seguiu o fluxo da ação e me entrevistou em movimento: “Por que está realizando esse protesto aqui e não na Costanera, onde estão desfilando os militares? Que mensagem quer transmitir ao povo ao fazer isso?”.

2.3 Pago

Rio de Janeiro, 2016 e 2017;
Curitiba, 2017.

Três realizações, com durações de 2 a 3 horas.

Com um carrinho de supermercado contendo almofadas, protetor solar, garrafa de água mineral e copos descartáveis, levantar um cartaz com os dizeres: "Pago R\$ x para você andar no meu carrinho. *Sujeito a condições". Às pessoas interessadas, explicitar as condições: 1) autorizar seu registro em foto e vídeo; 2) realizar, dentro do carrinho, o percurso entre duas estações de transporte. O valor pago corresponde à tarifa em vigor na cidade.



Figura 3: Elilson, *Pago 4 e 10*, da série *Pago*, 2016, performance. Foto: Willams Costa. Fonte: acervo pessoal.

Duas mulheres passaram tomando sorvete. Uma delas parou e tentou negociar um aumento no valor, afinal, “menos de 5 reais é muito barato para se sujeitar a entrar num carrinho de supermercado”. Houve um senhor que parou e conversou comigo durante trinta minutos. Relatou suas experiências trabalhando nas ruas, me identificou como artista e apresentou sua arte: fazia mosaicos com pedaços de vidro colados em pedras portuguesas que encontrava soltas pelo chão. Disse também que a venda daquele material ajudaria uma ONG para crianças e, se desculpando por tomar o tempo de meu trabalho, me fez um pedido: “Será que você não poderia apresentar o meu trabalho para o Luciano?”. Luciano? “Ué, o Luciano Huck!”. Mas eu não o conheço, moço, eu não sou da televisão. “Ah, não? Puxa, pensei que você era artista...”.

Voltei a erguer o cartaz e, simultaneamente, passei a prestar mais atenção na efervescência de movimentos e sons do Largo da Carioca, coração nervoso do Rio de Janeiro: incontáveis trabalhadores iam e vinham carregando carroças com jornais, botijões de água mineral, móveis... Uma banca de jornal mais ao fundo

ecoava uma trilha sonora que variava entre notas altas e longas de Whitney Houston (*And I'll always love youuuuu*); clássicos do sertanejo brasileiro (é o amooooooooor, que mexe com minha cabeça e me deixa assim; um fio de cabelo no meu paletóóóó), além do famigerado Ow!, de Michael Jackson, mas em remix de funk. Cortando a *soundtrack*, um homem surgiu bastante interessado na proposta. Expliquei e ele seguiu, dando legal para mim e para a câmera. Rapidamente, reapareceu acompanhado. Trouxe aquele que, segundo ele, era seu irmão mais velho. Moravam juntos na rua, ali perto, na feirinha de artesanato do Largo e, por isso, se chamavam de irmãos. O irmão, após segurar bem o cartaz e avaliar minhas palavras, foi resolutivo, embora embriagado: “Não concordo, não quero, não me interessa e vou dormir!”.

Três senhoras, a princípio incrédulas, fizeram um círculo em torno do carrinho. “Quanto você está ganhando para fazer isso?”. “Mas ele está perdendo, não?”. “E esse carrinho vai comportar a gente? Isso aí é pra criança andar!”. A cada explicação, riam e proseavam, até revelarem, para minha surpresa, que eram desconhecidas entre si. Pararam, simultaneamente, para comentar sobre o cartaz e o carrinho. Uma delas entrou no metrô, a outra voltou a trabalhar e a terceira decidiu entrar no carrinho, com notável desaprovação de sua filha. Enquanto a filha andava distante de nós com vergonha do que fazíamos, ela me dizia que aquilo era uma oportunidade de loucura e de coragem, um atravessamento que mudou a rotina do dia e que a permitia desopilar tudo de uma vez. A cada rampa e a cada curva, exclamava que eu era mesmo um maluco e que ela era ainda mais por estar ali dentro. Os camelôs do Catete nos aplaudiam e gritavam: “Conseguiu!”. “E não é que ele conseguiu?!”. “Olha aí, malucão, você é o verdadeiro metrô na superfície!”. Ela, apontando os celulares em ação, disse que viraríamos estrelas do YouTube⁴.

Em Curitiba, ao notar minha euforia diante da fila de pessoas interessadas em participar, uma senhora me perguntou: “Tá surpreso por quê? Achava que aqui não tinha gente legal e maluca também? Vocês esquecem, mas a gente é tão Brasil quanto todos vocês”, arrematou, apontando o indicador direito para cima, como se cruzasse ao norte do mapa político brasileiro.

⁴ Relatos completos da realização do trabalho no Rio de Janeiro podem ser lidos no livro “Por uma mobilidade performativa” (Nascimento, 2017).

2.4 Abate

Rio de Janeiro, 2017;
São Paulo, 2019.

Três realizações, com durações de 1 a 3 horas.

Com uma máscara de boi em arame eletroluminescente, utilizar os serviços de trem e metrô em horários de pico. Cumprir todo o ritual: fila para a compra de bilhetes, acesso, espera e tráfico. Manter contato visual sempre que for encarado por alguém, mas conversar somente quando outras pessoas iniciarem o diálogo.



Figura 4: Elilson, *Abate*, 2019, performance. Foto: Castello. Fonte: acervo pessoal.

Quando eu estava prestes a embarcar na Estação da Luz, na região central de São Paulo, uma mulher com short jeans, blusa rosa, batom espalhado entre os lábios e o buço me interpelou. “Cê tá numa brisa, hein? Por que você tá assim?”. Comentei que passearia no trem. “Mas o que você ganha com isso?”. Eu ganho conversa, veja, você já veio conversar! “Mas isso é coisa séria?”. Sim, é um dos meus trabalhos. “Trabalho? Como é que você trabalha assim, com dois chifres, Satanás?”. Questionou se eu fazia parte de uma nova minissérie televisa, cuja equipe a havia

dado dinheiro para que posasse na frente da estação. Você deve ver muita coisa aqui, né? “Ô, e como vejo! Eu vejo até o Roberto Carlos parando aqui de carrão pra fumar crack”. Roberto Carlos? “Ué, você nunca viu?! Ele vem aqui quase toda madrugada”. Mas, que Roberto Carlos? Ela então cantou: “Esse cara sou eu!”. Ah, é um cover? “Não, é ele mesmo. Tá duvidando de mim? Por que você acha que ele se mantém assim, todo esbelto? Ele fuma mais que qualquer pessoa, fuma mais que você!”.

Na passarela que conecta a estação às ruas, esbarrei com uma família de Manaus. “Você é o nosso boi-bumbá?”, indagou o menino de 9 anos. “Esse aí tá pouco estilizado, filho, tá mais pra boi neon de São Paulo mesmo”, respondeu sua mãe. Algumas mulheres passaram oferecendo seus serviços aos pés dos meus ouvidos. Uma turista, de Curitiba, parou ao meu lado e ficou observando as pessoas na plataforma. “Olha lá como aquela mulher tá inquieta. Olha aquele cara, dando dedo pra você! Você põe isso na cabeça para entrar na cabeça das pessoas, né?”.

Na plataforma de embarque, dois homens me entrevistaram: “Isso aí é pesquisa científica ou trabalho religioso?”. “É do candomblé feito a gente ou é alguma campanha de veganos?”. “É alguma coisa política? Ou você é da maçonaria e quer implantar algo aqui no trem?”. “Seja o que for, parabéns pela pujança”. Ao lado, um homem ria por dentro, sem mostrar os dentes, sacudindo os ombros. Você tá rindo, eu já cheguei mais perto. Falamos sobre nossas origens: baiano, ele já vivia em São Paulo há dois anos. Pernambucano, eu havia chegado há dois meses. “Bem-vindo, São Paulo é o rebanho das diferenças”.

Passadas cinco horas, na baldeação do trem para o metrô, um garoto de 7 anos, apresentando-se como adolescente, me disse: “Tio, o senhor sabe que tá parecendo uma vaca, né?”. Um homem veio na direção de minhas costas e interrogou: “Que brisa é essa, aí?”. Aproximou-se, formou um gatilho com os dedos e disparou na minha nuca.⁵

2.5 Gota

Rio de Janeiro, 2016 a 2019;

Curitiba, 2017;

⁵ Uma versão estendida desse relato foi originalmente publicada no livro “Mobilidade [inter]urbana-performativa” (Nascimento, 2019).

Recife, 2019;
São Paulo, 2019.

Múltiplas durações: leitura de relatos (exposições orais), entre 20 e 30 minutos; coletas de água, entre 2 e 2h30; lavagem de discurso de ódio, 7 minutos.

Apresentação de exposição oral realizada 25 vezes.

Com um balde de plástico vermelho com capacidade para 13,6 litros, caminhar à procura de quem estiver bebendo água ou trabalhando com água. solicitar um pouco da “água pessoal” das pessoas. Com o recipiente completo, usar toda a água para eliminar a pichação “Viado é bom é viado morto”, inscrita em um banheiro masculino da UFRJ após o assassinato do estudante Diego Vieira Machado, vítima de homofobia no campus universitário. Sempre que for apresentar o relato proveniente da performance em festivais e exposições, repetir o gesto de coletar água das pessoas, partindo do local de residência até o local de exposição. Mergulhar cada página lida no balde. Ao término da exposição oral, beber boa parte da água e despachar o restante no espaço expositivo.



Figura 5: Elilson, *Gota*, 2016, performance. Foto: Wilton Montenegro. Fonte: acervo pessoal.

“Gota” é um substantivo feminino da língua portuguesa que designa uma pequena porção de líquido que, ao escorrer, tem forma de glóbulo ou, na linguagem popular, forma de pingo. “Gota” também é o nome de uma doença, sem cura ou tratamento definitivo, caracterizada por uma artrite inflamatória provocada por uma concentração de ácido úrico nas articulações, sobretudo nas articulações do pé, as articulações do caminhar. “Gota serena” é como a fase de alívio dessa doença passou a ser chamada no Nordeste brasileiro e acabou se aglutinando à língua como uma expressão de intensidade. “Gota d’água” também é uma expressão de intensidade fincada na língua portuguesa falada em todo o Brasil, que indica

um esgotamento de paciência, uma situação-limite. “Gota serena” e “gota d’água” são expressões populares extraídas de ditados populares que nunca serão obsoletos, desde que o Nordeste permaneça falando, desde que a música e a peça de Chico Buarque, *um sudestino*, por exemplo, continuem sendo escutadas, lidas, encenadas. “Gota serena” e “gota d’água”, portanto, indicam a capacidade de perpetuação linguística, de permanência dos ditados populares. Mas vitalidade semelhante à dos ditados populares, possuem os discursos de ódio (Nascimento, 2017, grifo adicionado).

2.6 Bando Recíproco

Rio de Janeiro, 2018;

São Paulo, 2019.

Duas realizações, com durações entre 2 e 3 horas.

Puxar pelas ruas um carrinho de madeira com um grande espelho acoplado. Ao redor, 9 performers seguram bandeiras vermelhas que, em conjunto, constituem o verbo VIVEREMOS. Durante a caminhada, fazer paradas e formar o verbo em meio ao espelho, que replica prédios, pessoas, palavras e toda sorte de cenas cotidianas.

Às margens da Praça Mauá, onde iniciáramos a ação com o grupo, eu e Herbert de Paz, que trazíamos o carrinho desde uma vidraçaria, fomos imprensados no meio-fio por dois carros se ultrapassando na faixa ínfima. No sufoco, o carrinho pendeu: a pressão fez o peso recair sobre uma das rodas, que furou. Um de nossos amigos improvisou um coco como roda para garantir o equilíbrio. Corri até um mototáxi, que saiu comigo em saga à procura de um mecânico. Depois de três oficinas fechadas, adentramos numa quarta e prontamente o chefe se recusou a liberar um dos funcionários para ir até a Praça. Insisti: sem êxito.



Figura 6: Elilson, *Bando Recíproco*, 2018, performance. Foto: Carolina Calcavecchia. Fonte: acervo pessoal. Da esquerda para a direita: Herbert de Paz, Sabine Passareli, Felipe Ribeiro, Ulisses Carrilho, Elilson, Miro Spinelli, Agrippina R. Manhattan, Dani Câmara, Isabel Figueira e André Rodrigues.

Orientado por uma intuição repentina, ou simplesmente mentindo, persisti: Moço, por favor, vai ser rapidinho, eu preciso levar o carrinho para um grupo de crianças, que estão esperando o teatro começar lá na Praça XV. O que eu vou explicar pra elas se o carrinho não chegar? Uma atendente da loja sussurrou ao meu ouvido: “Arrasou! Agora você tocou no fraco do coração dele”. “Crianças?!”, ele exclamou, soltando a chave de fenda e me olhando finalmente nos olhos. Sim, crianças. Prontamente designou que um dos funcionários pegasse instrumentos e um novo pneu para consertar o carrinho, fazendo com que eu, o motoboy e a atendente vibrássemos de alegria. “Mas é só por causa das crianças, hein? Eu que não vou deixar criança sem alegria”.

Quase uma hora depois, quando paramos nosso Bando de frente para a Igreja da Candelária, entendi todos os atrasos e entraves: o tempo cravou seis da tarde e os sinos começaram a badalar a ponto de ensurdecer as buzinas e apitos do cruzamento em *rush*. Silenciamos perante o estrondo, olhando para a igreja, para os passantes e para as pessoas dentro dos coletivos, que contorciam seus pescoços para fisgar o quanto conseguissem da composição inusitada no meio do fluxo. Segurando espelho e nove bandeiras flexionando um verbo no futuro, encaramos o

cenário onde num passado sempre presente crianças foram brutalmente assassinadas enquanto dormiam. Ali, naquela igreja, um dos tantos pontos onde monumentalidade e impunidade se imbricam para reescrever a história dos cartões-postais da cidade cartão-postal⁶.

2.7 Lluvia de Derechos

Buenos Aires, 2019.

Única realização, duração: 1 hora.

Do topo da Faculdade de Direito, lançar centenas de envelopes vermelhos com inscrições de direitos instituídos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, na Constituição da Argentina e na Constituição do Mercosul em um verso da folha; e, no outro verso, declarações de líderes políticos argentinos e brasileiros que infringem os mesmos direitos.

Adentrei ao prédio histórico acompanhado de uma argentina, que me orientou que eu me mantivesse calado enquanto ela falava amenidades sobre a faculdade, me camuflando, assim, como um pertencente. Após janelas trancadas e salas inacessíveis ao longo dos pavimentos, nos deparamos com um corredor vazio e não nos esquivamos da nossa sorte: ausência de câmeras e uma porta de acesso à cobertura destrancada. Entre caixas d'água, fios de eletricidade e placas de energia solar, lancei as centenas de envelopes vermelhos. Ao descer do prédio e me deparar com os estudantes, professores e visitantes da Faculdade de Direito que recolhiam os envelopes, encontrei um grupo de turistas recifenses. Tal encontro me fez sair do anonimato e confessar, só para os meus conterrâneos, a autoria do gesto. Uma delas confessou: “No fundo, eu suspeitei que essa ousadia e esse vermelho tivesse um dedinho brasileiro”.

⁶ Uma versão estendida desse relato foi originalmente publicada no livro “Mobilidade [inter]urbana-performativa” (Nascimento, 2019).



Figura 7: Elilson, *Lluvia de Derechos*, 2019, performance. Foto: Camila Gómez. Fonte: residência artística R.A.R.O. – Buenos Aires.

2.8 Arte Panfletária

Rio de Janeiro, 2018;
Porto Alegre, 2018;
São Paulo, 2018-2019;
Recife, 2019;
Buenos Aires, 2019;
Ciudad de México, 2025;
Curitiba, 2025.

Múltiplas durações entre 4h30 e 8h de caminhada.

Vestindo roupas sem estampas e portando uma sacola repleta de alfinetes de segurança, caminhar à procura das panfleteiras e dos panfleteiros. Aceitar todos os anúncios e discursos distribuídos pelas ruas. Oferecer a cada trabalhador(a) um ou dois alfinetes, perguntando em que parte de meu corpo seu anúncio deve ser

anexado. Retornar para casa somente quando calça e camisa estiverem integralmente panfletadas.



Figura 8: Elilson, *Arte Panfletária: Recife*, 2019, performance. Foto: Kayo na Real. Fonte: acervo pessoal.

Na Cidade do México, em janeiro de 2025, um trio de panfleteiros, após escutar minha apresentação e pedido, chamou aos risos um amigo que estava encostado na parede: “Traz aqui a tua tarjeta também, vamos ajudá-lo a acabar mais rápido”. Tarjeta se refere a esses em tamanho de cartão de loja e volantes são os maiores, do modelo clássico? Um deles elucidou: “Não, pode utilizar o nome que quiser, tarjeta ou volante. Como se chama no Brasil?”. Panfleto. “Esse não pode. Aqui, panfleto tem mais a ver com política”. Ao nos despedirmos, desejei-lhes bonito dia e bom trabalho, escutando “suerte” e “que te vayas bien, wey⁷”. Esses votos se repetiram nos mais diversos timbres ao longo de toda a ação, o que ganhou variações foi o termo de tratamento: *compa*, *carnal*, *amigo*, *hermanito*, *compañero*, *bro*, *man* e *güey* – a depender da velocidade ou extensão da conversa. Outra sentença

⁷ Wey é uma gíria que equivale a “véi”, “cara”, “mano”, assumindo as variações “güey” e “bro”. Fonte: [Dicionário de expressões mexicanas](#) Acesso em: 05 jan. 2026.

reincidente foi a resposta “donde queiras” a cada vez que eu oferecia os alfinetes, algo que denotou, a um só tom, cordialidade e distanciamento corporal.

Horas e quilômetros depois, fui fisgado pelo carrinho das Testemunhas de Jeová. “Escolha um livreto, jovem”, carinhosamente me orientou a única comunicativa do trio. Peguei um destinado a crianças e, em seguida, um cartão. Em que ponto do meu corpo devo colocar? “Me encanta que tenhas escolhido o infantil!” – exclamou, exibindo a contracapa da publicação: “podes escanear pelo celular e ler a bíblia ilustrada com seus filhos. É um prazer estar aqui e interagir para que conheçam a literatura sagrada”. Mas em qual ponto da minha roupa eu anexo o material de vocês? “Aqui no bolso do peito, onde se vê bem. Mas se alguém na rua te pedir informação, não se esqueça de indicar que apontem a câmera do celular ao *QR code* e visitem nossa página online”.

No final da tarde, após cinco horas de ação, embarquei no metrô. Após deixar passar dois trens para garantir a sobrevivência dos panfletos e a não ocorrência de incidentes com os alfinetes em horário de pico, avistei um vagão parcialmente vazio. Rapidamente, um senhor apontou para minha roupa e perguntou de onde eu era. “Brasil? E o que você acha do governo do bandido Lula, ele esteve na cadeia, não foi?”. Respondi que considerava bom e que tinha esperanças de que, em breve, Jair Bolsonaro estivesse na cadeia, pagando por cada crime de corrupção e, sobretudo, pelas mortes na pandemia. “Eu tenho 80 anos e posso te ensinar sobre a história da América Latina! Precisamos acabar com esses comunistas, precisamos da Direita, precisamos que Trump nos salve de uma vez com o capitalismo”. Aparentemente sem encontrar adeptos, prosseguiu: “Eu espero mesmo que ele invada o México”. Mas, e a soberania do teu país? “Já é ferida por todos”, rebateu abanando as mãos. Quando virei o corpo para ler o mapa de estações, ele avistou o anúncio do Partido Morena em minhas costas, anunciando um comício pelos 100 primeiros dias do governo da Presidenta Claudia Sheinbaum. Indignado e aos risos, metralhou vários xingamentos contra a governante e seu partido. Em uma pausa, me perguntou qual seria a próxima estação: Xola! “É onde vou descer”. Eu também, respondi, tentando disfarçar o desespero. Ao desembarcarmos, em tom moderado e amistoso, disse que eu parecia ser *buena onda* e que, assim, ainda teria possibilidade de evoluir meus pensamentos. Ao passarmos das catracas e perceber que sairíamos ambos em direção ao bairro Moderna, ele recuou: “Adeus. Vou depois, não quero que você saiba onde vivo”. Eu tampouco, afirmei, retribuindo o aceno.

11 meses depois, em Curitiba, prosseguindo pelo calçadão da XV de Novembro, já com a camisa parcialmente panfletada, avistei um palhaço. Todo paramentado com boné prateado brilhoso, óculos rosas preso na cabeça, camisa florida, calça listrada, caixa de som acoplada ao corpo, microfone sem fio e cifrões maquiados no rosto, ele iniciou nosso diálogo: “Opa! Deixa eu tocar aqui, que eu não sou bobo”, disse, esfregando suas mãos nas réplicas de 100 reais nos panfletos de crediário e empréstimo. Locutor de uma loja de variedades, interrompeu o anúncio das ofertas para buscar um anúncio do estabelecimento. Cinco minutos depois, trouxe uma funcionária: “Deixa eu te falar, Zé, isso aí é um personagem seu?”. Respondi que não, que ando assim para conversar e conhecer as pessoas. “Que da hora, mano. Vai lá, Dri, espeta ele. Cuidado que ela enfia de verdade, ela é zica! Vai devagar, menina!”. Ao que ela respondeu: “Para, palhaço!”. Estendendo a mão, ele finalmente me apresentou seu personagem: “Palhaço Pipoca”! Me apresentei como Eli. “Eli Corrêa?! OOOOOOOI, gente!”, brincou, imitando um dos bordões do locutor nascido em Sertaneja, um dos mais populares do Paraná. Dri, por sua vez, aproximou seu dedo anelar do meu corpo, como se fosse um detector emocional. “É anel do humor, muda de cor, agora tá verde”. E o que isso quer dizer? “Que tamo eu e você com mistura de emoções!”. Sugeri então que eu fosse na feirinha da Praça Osório comprar o meu anel, pois é a última moda.

Lá pelo final da ação, depois de quatro horas e meia de caminhada, panfletagem e prosas das mais diversas, duas mulheres correram em minha direção: “Ei! Por que ainda não tem os nossos?”. Conferindo os nomes dos panfleteiros escritos nos versos dos anúncios das óticas concorrentes, anexaram alguns nas minhas pernas. Uma delas exclamou: “Eu nunca tinha visto um homem desse, o Super Marketing!”. “Eu também não, minha filha”, falou Dona Jane, me presenteando com um calendário. “Eu sou cliente daquela loja de aviamentos, tá vendo? Eu e o dono ficamos encantados quando você passou!”. Uma das funcionárias veio correndo: “Seu Mofid, meu patrão, está te chamando. Quer tirar uma foto e mandou este alfinete, é pra você botar o calendário na roupa”. Mas esse aí vai me matar, eu brinquei, me referindo à tachinha pontiaguda para quadro de feltro. Quando adentrei à loja, Sr. Mofid, todo orgulhoso de seu rosto no calendário e na minha *arte panfletária*, pediu que eu acenasse para suas fotos. Jane, sua cliente, professou: “Você terá muita sorte na vida! Cada panfleto desse representa as sortes das pessoas, porque todo mundo está apostando em algo. A nossa sorte faz sorte para

os outros; continue carregando tudo em você”. Emocionado, não consegui responder nada além de tchau e obrigado. Mofid, que em árabe significa benéfico, se despediu: “Salamaleikum!”.



Figura 9: Elilson, *Arte Panfletária*, 2018, instalação. Foto: Ricardo Miyada. Fonte: VI Prêmio EDP nas Artes, Instituto Tomie Ohtake.

2.9 Aparição/Posesión

São Paulo, 2024;

Cidade do México, 2025.

Duas realizações, com durações entre 2 e 3 horas.

Em São Paulo, desfilar pela Avenida Paulista vestindo um traje sem cabeça e distribuir panfletos com a inscrição “A cidade não é um lamarçal: Prefeito não coach(xa)”, em paródia aos despautérios do candidato-coach Pablo Marçal. Na Cidade do México, desfilar com o traje no dia da posse presidencial de Donald Trump, parando a cada aparição da língua inglesa ou cultura estadunidense no Centro Histórico da cidade para compor fotografias. Ao término da ação, andar de costas

erguendo uma faixa de tecido com uma frase inscrita à mão: “La soberania no es una trump(a)”, em livre tradução: a soberania não é uma armadilha.



Figura 10: Elilson, *Aparição*, 2024, performance. Foto: Renata Vieira. Fonte: acervo pessoal.

Atravessei na Avenida Paulista uma maré de ambulantes, caixas de som e sacos de lixo. Enquanto algumas pessoas acenavam e se aproximavam para tirar fotos, muitas outras sequer olhavam para o panfleto que eu tentava entregar. Algumas, ao transitarem os olhos da minha mão ao meu rosto, em negativa ao panfleto, chegaram a gritar de susto. Até que uma mulher finalmente aceitou. “Olha, você entendeu a mensagem?”, retrucou para a amiga. “É uma anticampanha, então?”. Ao meu silêncio, concluíram: “Ele não vai ganhar, nem se preocupe. É impossível, a maioria das pessoas ainda tem cérebro”. Na sequência, uma mãe aproveitou o vazio em minha cabeça para distrair o bebê. Boquiaberto, ele nem sentiu o protetor solar sendo retocado. Um menininho, segurando as mãos dos pais, a princípio sorriu quando apontaram ao “tio sem crânio”. Quando me agachei, seu rosto rapidamente se transmutou em seriedade e pranto.

Após quase três horas, completando a caminhada, antes de ingressar no subsolo do metrô e desfilar sem rosto nas esteiras de baldeação, parei para assistir a um show de punk rock. A vontade de entrar na roda, ainda mais incitado pelas exclamações de “chegou nosso parceiro!”, foi interrompida pela prudência de prever as iminentes queda e destruição de meu figurino nos empurrões e pontapés. Foi, então, que um vendedor de coco me chamou: “Sai pra lá, Satanás, mas vem aqui!”. Sacou o celular do bolso e começou uma transmissão ao vivo: “Olha aqui, meus *seguimores*, é assim que são os eleitores de Pablo Marçal. Mas, nós, não. Nós somos a lâmina que vai deixar os filhotes de Bolsonaro desse jeitinho aí”.



Figura 11: Elilson, *Posesión*, 2025, performance. Foto: Cynthia Grandini. Fonte: acervo pessoal.

Na Cidade do México, chegando à Praça da Constituição (Zócalo), avistei a triangulação entre o Palácio Nacional, a Catedral Metropolitana e a imponente bandeira do país, que estava rodeada por um grupo de secundaristas estrangeiros dos vizinhos Canadá e Estados Unidos, cujas risadas me chamaram a atenção. Ao me aproximar do campo de enquadramento da fotografia coletiva, um dos monitores, mexicano, foi resolutivo: “Não se aproxime deles, fazendo o favor”.

Mais ao lado, em meio a um trio de ciclistas, um homem me perguntou: “Mas por que está andando assim hoje?”. Como resposta, uma vez que não tinha cabeça, gesticulei estendendo minha mão direita a todo o traje que eu vestia: camisa azul, calça vermelha e tênis brancos. “Ah!”, exclamou, aos risos, torcendo o pescoço para

o lado direito. Depois, abriu os braços de supetão e aproximou-os rapidamente, mas sem concretizar a palma. Até a escrita deste texto, continuo sem decifrar a semântica de seu gesto.

À porta da Catedral Nacional, fui barrado por um guarda nacional do Exército, que me explicou que as câmeras da cidade, ainda mais dos patrimônios históricos, precisam assegurar o registro dos rostos. Ao cruzar a extensa praça, caminhando na sombra projetada pela bandeira, duas crianças acenaram e sorriram, pedindo ao pai que as deixasse tirar uma foto comigo, o que não foi permitido. À distância, se despediram: “Beijos, senhor sem cabeça, nós te amamos!” Igualmente simpático, um policial me fez um pedido que era mais cordialidade que injunção: “O senhor coloque a sua cabeça, por favor”. Soltamos, juntos, uma rajada de sorrisos.

2.10 Perpendiculares

Coimbra, 2025.

Duas realizações, com durações de 2 a 2h30.

Na fonte de água da Praça 8 de maio, no centro de Coimbra, em dias consecutivos e no mesmo horário, levantar um cartaz com uma variação de dizeres: 1. “Volto para o Brasil em X dias. Quer mandar um recado?”. Neste caso, oferecer postais a serem escritos e conversar.; 2. “És uma pessoa europeia? Como/quando percebeu?”. Esperar as aproximações e conversar⁸.

⁸ Ação integrante da residência artística do laboratório de criação do Festival Linha de Fuga (Coimbra, 2025). Consulte-se: [Linha de Fuga | Elilson](#) Acesso em: 25 jun. 2026.



Figura 12: Elilson, *Perpendiculares*, 2025, performance. Foto: Alegría González. Fonte: acervo pessoal.

Depois de quase 2 horas de ação, ele finalmente veio e se sentou. Não houve um dia naquela cidade que sua presença não estivesse tatuada nas minhas retinas, talvez por conta dos cumprimentos diários na rua e da sobancelha costurada com uma linha grossa azul. “Uma pessoa com a boca aberta, ou tem sono, ou tem fome”, me disse, fazendo com que a estupefação que me acometia pela mensagem do último postal se convertesse em gargalhada. Em seguida, me contou sobre uma viagem que fez à Bahia, se deliciando ao relembrar da culinária e revelando que Jorge Amado é o seu autor predileto. “Eu vou falar baixinho, para que ninguém me condene. Mas ele é melhor que o nosso melhor, Saramago, conheces? Penso mesmo que foi do baiano que ele copiou o estilo de escrever sem pontuação”. Fazendo sinal de “pera aí” com as mãos, se afastou. “Ei! Meu nome é Elilson, mas eu ainda não sei o seu nome”. Ele gritou ao longe: “Bond, James Bond”. Nesse ínterim, percebi que era hora de trocar o cartaz.



Figura 13: Perpendiculares, 2025, performance. Foto: Paulo Abrantes. Fonte: acervo pessoal.

Dois garotos se aproximaram, solicitando, em inglês, por uma tradução. Belgas, estavam em Coimbra a passeio. Um deles se manteve calado todo o tempo, franzindo testa e sobrancelhas como se dissesse: vamos embora. O outro refletiu que ser europeu não é uma coisa que se percebe, simplesmente se é. No entanto, confessou que pertencia muito mais à sua aldeia no Norte da Bélgica do que à Europa. Ali, através de sua franqueza elaborada em tempo real, entendi que Europa e europeu também podem ser massificações. Por fim, ele deliberou: “Mas, se você quer saber, eu tenho medo do futuro. Veja, eu não tenho nada contra vocês imigrantes, mas não quero ver a Europa que vai sobrar depois de todas as mudanças que estão fazendo em nossa cultura”. Um espanhol parou de bicicleta com sua filha. À pergunta do meu cartaz, exclamou: “Quando algum amigo começa com essa onda

antiárabe, eu pergunto logo: onde você encosta a cabeça para dormir? Não é em uma almofada? Pois agradeça aos árabes, sem eles não saberíamos nomear um monte de coisas”. Todo europeu, ao se deitar, queira ou não queira, sonha em árabe.

Um senhor passou ligeiro pela rua, exclamando: “Eu tenho vergonha da Europa”. Então tocou-se no peito, nos ombros, no pescoço e nas pernas que mancavam, como se apontasse para chacras de guerra. James Bond retornou. Ao verificar o novo cartaz, refletiu que, vivendo nas ruas de Portugal, é como se não tivesse a identidade do continente. Em seguida, partilhou uma espécie de anagrama oracular: “As perguntas são fáceis, as respostas é que são difíceis. As respostas são simples, as perguntas é que são complexas. Você não pode me fazer todas as perguntas, mas eu posso te dizer todas as respostas. Você pode me fazer todas as perguntas, mas eu não posso te dizer todas as respostas”.

3. Notas performativas

Andando e marchando de costas, puxando espelhos, carregando bandeiras e corpos, coletando águas e panfletos, jogando coisas do alto de prédios, desfilando sem cabeça e mascarados, passeando em carrinhos de supermercado, erguendo cartazes e, sobretudo, ouvindo histórias, talvez nosso movimento, entre os encontros e conversas que compõem “interlúdios” nas ruas das cidades, seja o de anunciar e enunciar esses aforismos de calçada:

- I. Corpo e cidade são sinônimos que alternam escala;
- II. No espaço público, a ação artística coexiste com o fluxo de acontecimentos, cuja convergência entre normatizações e imprevisibilidades demarca a cidade como espaço performado;
- III. As ruas são uma constância de janelas de solidariedade para além das assimetrias de poder;
- IV. A realização de performances em espaços públicos pode promover um exercício de concidadania, através do qual artistas, transeuntes e passageiros negociam outras temporalidades e utilizações para os espaços de mobilidade, colocando a cidade discursivamente em circulação;

- V. Uma ação performativa é sempre contextual: tempos, espaços, histórias, agentes, memórias, matérias, materiais, urgências e relações são elementos específicos em cada ação, compondo a dramaturgia dos encontros;
- VI. A relação entre performance e conversa, desencadeada pela cadeia de negociações éticas ocorridas nas ruas, deflagra que escuta e existência são cognatos políticos;
- VII. Quando as urgências sociais mobilizam a formulação de performances, os trânsitos estéticos entre arte e manifestação são cruciais não só para a diversidade de leituras sobre trabalhos artísticos que acontecem nas ruas, mas para a engrenagem da imaginação política das ruas;
- VIII. Compartilhar histórias escritas a partir dos encontros ocorridos no vai e vem urbano pode nos endereçar a afirmar que, na conversa, a junção entre tempo e espaço converte “humano” em sinônimo de “palpável”;
- IX. Investindo na expansão semântica e sensorio-perceptiva dos espaços ao cartografar modos de dizer, desdizer e redizer coletivamente quem é, o que quer e o que pode a cidade, ações performativas geram instâncias de encontro que podem reconfigurar momentaneamente os espaços de passagem incessante em passarelas dialógicas.

Referências

FABIÃO, Eleonora. Programa performativo: o corpo-em-experiência. *In: ILINX - Revista do LUME*, v. 4, p. 1-11, 2013.

GUALBERTO, Tiago. Fragmentos do vivido. **30ª Edição do Programa de Exposições CCSP Mostra 2020**. Catálogo organizado por PONTES, Maria Adelaide e MENEZES, Hélio. Prefeitura de São Paulo, 2020. Disponível em: [catálogo EBOOK.indd](#) Acesso em: 13 set. 2025.

NASCIMENTO, Elilson Gomes do. Gota. **Ensaia - revista de dramaturgia, performance e escritas múltiplas**, n. 3, junho de 2017. Disponível em: <https://www.revistaensaia.art/gota> Acesso em: 29 jun. 2026.

NASCIMENTO, Elilson Gomes do. **Mobilidade [inter]urbana-performativa**. Rio de Janeiro: Rumos Itaú Cultural/edição do autor, 2019.

NASCIMENTO, Elilson Gomes do. **Por uma mobilidade performativa**. Rio de Janeiro: Editora Temporária, 2017.

NASCIMENTO, Elilson Gomes do. Trânsitos polifônicos: corpo e performance entre colagem e assemblagem. **Revista Desassossego**, São Paulo, Brasil, v. 18, n. 35, p. 34–52, 2026. DOI: 10.11606/issn.2175-3180.v18i35p34-52. Disponível em: <https://revistas.usp.br/desassossego/article/view/239174>. Acesso em: 29 jun. 2026.

SOUZA, Thiago de. Quando o Exército brasileiro tirou a vida de crianças paraguaias. **Aventuras na História**, 31 mar. 2021. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/desventuras/quando-o-exercito-brasileiro-tirou-vida-de-criancas-paraguaias.phtml>. Acesso em: 29 jun. 2026.

Sobre o autor

Elilson Gomes do Nascimento é artista, professor e pesquisador. Doutor em Artes pela USP, com período sanduíche na UNAM - Ciudad de México (Bolsa CAPES). Mestre em Artes da Cena pela UFRJ e Graduado em Letras (Licenciatura) pela UFPE, com período na Universidade Nova de Lisboa como bolsista do Programa Santander Luso-brasileiro. Possui formação complementar em Artes Visuais pela EAV/Parque Lage (Bolsista do Programa de Formação e Deformação 2018). Produz ações, textos, instalações, peças sonoras e exposições orais. Publicações incluem dois livros: "Por uma mobilidade performativa" (Editora Temporária, 2017) e "Mobilidade [inter]urbana-performativa" (via Rumos Itaú Cultural, 2019). Indicado duas vezes ao Prêmio Pipa (2024 e 2021), recebeu, dentre outros, o prêmio Rumos Itaú Cultural e o prêmio EDP nas Artes do Instituto Tomie Ohtake. Residências artísticas incluem: Linha de Fuga (Coimbra, 2025), Circulação Barracons (Klauss Vianna/Funarte, 2025), R.A.R.O (Buenos Aires, 2019) e FAAP (São Paulo, 2020). Tem apresentado palestras em instituições como Universidade Nova de Lisboa (2025), Instituto Guimarães Rosa (Ciudad de México, 2025) e EACH - USP Leste (2025). No campo do teatro, trabalhou em diversos espetáculos e festivais, incluindo a colaboração com a companhia alemã Rimini Protokoll em "Home Visit - Brasil em Casa" (2017-2018).

elilson@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7131304554734472>

<https://orcid.org/0000-0001-7974-6304>

Recebido em: 19-02-2026. Artigo avaliado por pares em duplo-cego e revisado editorialmente.

Como citar

NASCIMENTO, Elilson Gomes do. Interlúdios de rua: notas performativas. *Revista Estado da Arte*, Uberlândia, v. 7 n. 1, p.168 – 194, jan. – jul. 2026. <https://doi.org/10.14393/EdA-v7-n1-2026-81453>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.